

Meu irmão Darcy

OSCAR NIEMEYER *

Darcy Ribeiro desapareceu. Sabíamos de seu estado desesperador, mas o nosso amigo resistia tanto e, com tanto ânimo, que pensávamos tê-lo entre nós um pouco mais.

Nos últimos meses, já debilitado, quando o visitava, era visível sua preocupação em não demonstrar fraqueza. E ria, contava histórias, falando das suas lutas e de seus amores.

Recordo que, na véspera do seu falecimento, conversamos pelo telefone e ele me parecia tão tranquilo que, brincando, lhe falei: "Darcy, você tem razão. O importante é resistir 20 anos, depois vamos embora."

Ele ria, contando a Vera Brandt, no dia seguinte, a conversa.

Daí a surpresa que me desolou, ao saber o que ocorrera.

Uma imensa tristeza me envolveu, lembrando aquela longa e terna amizade que durante muitos anos nos uniu. Recordava a Universidade de Brasília que, sozinho, Darcy criou, o edifício do "Minhocão" que ne-

la projetei e ele adorava.

Depois, os militares invadindo-a; e juntos, com cerca de 200 professores, dela nos afastamos.

Já no exterior, a Universidade de Constantine, na Argélia, nos aproximou outra vez. Por lá ficamos algum tempo, pensando, revoltados, no que ocorria em nosso país.

E veio a volta ao Brasil. Mais tarde Quêrcia nos convocando para o Memorial da América Latina, uma obra que muito nos agradou, visando à integração indispensável dos países deste continente, nessa luta odiosa que tanto os humilha e desmerece. Paralelamente, o Sambódromo e os Cieps que Darcy inventou, na sua atuação

incansável no campo da educação. Obras que Brizola teve a coragem de realizar.

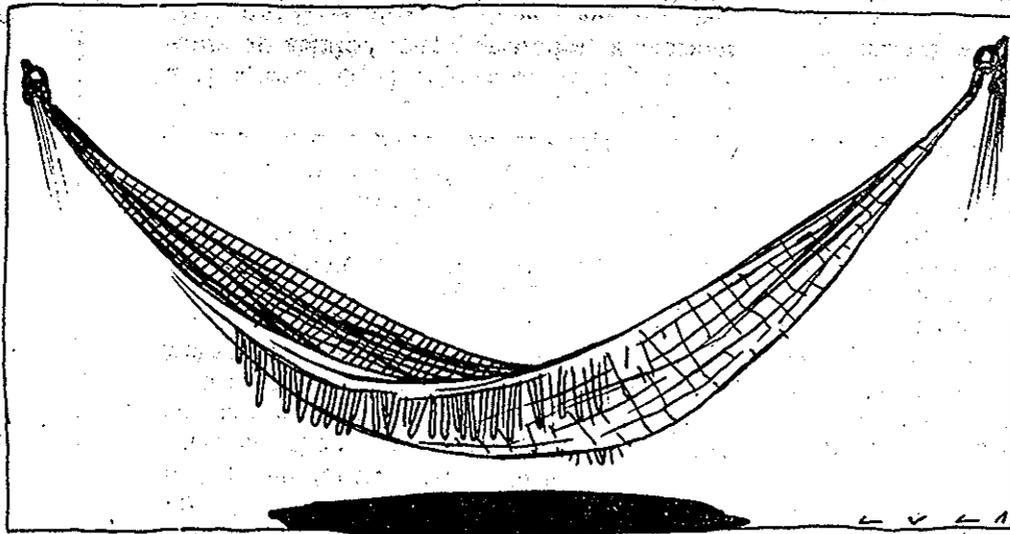
Durante vários meses viajei nos fins de semana com Darcy para acompanhar a construção de sua casa em Maricá. Lembro-me com saudade daquelas viagens, da parada na cidade para comprar pastéis, de Darcy sentado na sua cadeira predileta, as pernas cruzadas como um índio a escrever *Aos trancos e barrancos*, um livro delicioso e indignado. E os passeios que fazíamos pela praia deserta, a comentar coisas da vida e do nosso país.

O tempo passou, a doença agravou-se, mas o meu amigo a desprezava inteiramente, preocupado apenas em escrever os seus livros que, sabia, muita importância teriam para a juventude do seu país.

Já em cadeira de rodas, meu irmão, cada vez pior, comparecia aos jornais e à televisão, defendendo suas idéias, insistindo, lembrando ao seu amigo Fernando Henrique que a Vale do Rio Doce não podia ser vendida, nem a Petrobrás fraturada.

Certo de que isso nos levaria para as ruas outra vez.

* Arquiteto.



5B
1910&197
1977

11